

Crenças e atitudes linguísticas de falantes urbanos de Irati (PR): um olhar sobre o outro

(Linguistic beliefs and attitudes of urban speakers in Irati (PR): a look at the other in the discourse)

Aparecida Feola¹, Clarice Cristina Corbari²

^{1,2} Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

afsella1@yahoo.com.br, ccorbari@yahoo.com.br

Abstract: This article presents partial results of research on linguistic beliefs and attitudes of speakers from Irati, a city in Paraná that presents a complex sociolinguistic scenario. As guidelines for this study, we use theoretical and methodological principles of Sociolinguistics, Sociology of Language and Social Psychology concerning the analysis of linguistic beliefs and attitudes, which consist of subjective assessment of varieties and their speakers. The corpus comes from the Project *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009). We selected six questions from a questionnaire with 48 questions, which reveal judgments about languages spoken in the town and their speakers.

Keywords: linguistic beliefs and attitudes; linguistic bias; multilingual contexts.

Resumo: Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa sobre crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati, município paranaense que se caracteriza por apresentar um cenário sociolinguístico complexo. Para nortear este estudo, são utilizados princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, da Sociologia da Linguagem e da Psicologia Social referentes à análise de crenças e atitudes linguísticas, as quais consistem em avaliações subjetivas sobre o valor das variedades em si e, por extensão, sobre seus falantes. O corpus provém do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* (AGUILERA, 2009). Do questionário de 48 perguntas, selecionaram-se, para este trabalho, seis perguntas que revelam julgamentos a respeito das línguas faladas na localidade e de seus falantes.

Palavras-chave: crenças e atitudes linguísticas; preconceito linguístico; contextos multilíngues.

Introdução

O estado do Paraná apresenta diversos contextos multilíngues, seja devido à colonização por imigrantes de diversas etnias, seja devido aos contatos estabelecidos nas regiões fronteiriças a países hispano-americanos. Essa realidade enseja o estudo não apenas das línguas em contato, mas também das crenças e atitudes relacionadas a essas línguas e a seus usuários. Este trabalho objetiva apresentar alguns resultados de pesquisa descritiva sobre o comportamento linguístico verificado em depoimentos coletados na localidade de Irati, cuja população é formada pela mescla de diferentes etnias de origem europeia, especialmente ucranianos e poloneses. Trata-se de cenário propício para estudo de manifestações tanto positivas (prestígio linguístico) quanto negativas (desprestígio linguístico) dos informantes frente aos falares locais. Parte-se do pressuposto de que a língua está diretamente vinculada ao contexto social, como verdadeiro aspecto constituidor da identidade de um determinado grupo étnico (AGUILERA, 2008).

O *corpus* desta pesquisa foi constituído a partir de dados coletados na localidade por meio do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português*

com línguas de contato (AGUILERA, 2009), cujo objetivo final está voltado para a descrição das crenças que conduzem a atitudes manifestadas por falantes brasileiros em comunidades de fronteira ou contextos de imigração. Os informantes foram selecionados considerando-se as seguintes dimensões: (a) três faixas etárias: 18 a 30 anos, 31 a 50 anos, e 51 a 70 anos; (b) três níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior; e (c) os dois gêneros/sexos. A entrevista se baseou em um questionário elaborado com base em critérios próprios de pesquisa dessa natureza, adaptados à realidade sociolinguística e cultural das comunidades investigadas, com 48 perguntas específicas para avaliar crenças e atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e ao português (e, por extensão, aos seus falantes) de cada localidade.

Para este trabalho, foram selecionadas seis perguntas do questionário, a saber: questão 11 – “Comparando essas línguas: polônês, ucraniano, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?”; questão 12 – “E quem fala pior? Por quê?”; questão 18 – “Falamos melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?”; questão 19 – “Essas línguas são feias ou bonitas?”; questão 20 – “Qual é a mais bonita?”; e questão 21 – “Qual é a mais feia?”. Conforme será possível perceber, tais perguntas revelam avaliações dos informantes a respeito das línguas faladas na comunidade e de seus falantes, muitas vezes materializadas em forma de atributos.

A descrição e a análise das respostas dos informantes serão pautadas nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, da Sociologia da Linguagem e da Psicologia Social, disciplinas que, sob diferentes prismas, têm se dedicado ao estudo das crenças e atitudes linguísticas.

Pressupostos teóricos

O Brasil caracteriza-se como um país plurilíngue, em cujo território são faladas, atualmente, cerca de 200 línguas, sendo aproximadamente 170 indígenas e 30 alóctones (línguas de imigrantes). Não obstante, há uma crença generalizada de que o Brasil seja um país monolíngue, dominado pelo português em toda a sua extensão e, ainda, como lembra Altenhofen (2004), de uma forma incrivelmente homogênea. Tal visão

tem contribuído em maior ou menor grau, para ofuscar a presença de populações e áreas bilíngues oriundas da imigração. A ideia de ‘um Brasil com uma única língua’ parece tão forte, que mesmo o falante bilíngue, membro de uma comunidade bilíngue, onde convivem lado a lado com o português uma ou mais línguas de adstrato, é capaz de rotular nosso país de ‘monolíngue’, não enxergando diante do seu nariz a prova cabal de seu equívoco. (ALTENHOFEN, 2004, p. 87)

Sobre as implicações da ideologia da “língua única”, Oliveira (2009, p. 1) faz a seguinte reflexão:

O fato de termos aprendido que a situação ‘normal’ no mundo é a situação de monolinguismo e de termos aprendido a ver o plurilinguismo como uma anomalia, é mais um produto da história da criação do Estado-Nação nos últimos 300 anos, quando se estabeleceu o desiderato de ‘um Estado, um Povo, uma Língua’, tão prejudicial à construção da cidadania. O Estado-Nação moderno e monoglota foi o responsável pelos maiores glotocídios, isto é, assassinatos de línguas de toda a história da humanidade até o presente momento.

Essa “pressão” em direção ao reconhecimento da monolingualidade no Brasil, reiterada por forças institucionais como a escola e os meios de comunicação, dentre outras, contribuiu para o ofuscamento das línguas de herança dos imigrantes. Some-se a isso, ainda, outro fator: a política repressiva de suas línguas no período das grandes guerras, cujo auge “é atingido com a política de nacionalização do ensino implementada a partir de 1938 pelo governo do Estado Novo, de Getúlio Vargas, que levou ao fechamento de escolas e à proibição do uso das línguas dos imigrantes, principalmente alemão e italiano” (ALTENHOFEN, 2004, p. 84).

Os eventos acima referidos – mas não somente eles – contribuíram para que as línguas perdessem prestígio diante da língua majoritária, o português, favorecendo o desenvolvimento de determinados sentimentos, crenças e atitudes em relação ao uso das línguas de herança e até mesmo do português alterado pelo contato com tais línguas. Tais sentimentos, crenças e atitudes são, na maioria das vezes, de cunho negativo, pois, segundo Altenhofen (2004, p. 91), “são frequentes e notórios os juízos de valor depreciativos sobre as línguas minoritárias”.

Embora se trate de aspectos de caráter, à primeira vista, subjetivo, é preciso lembrar um princípio básico já postulado por Labov (1972): as atitudes sociais em relação à(s) língua(s) são extremamente uniformes no interior de uma comunidade de fala. De acordo com Ferguson (1972), toda comunidade compartilha algumas crenças sobre língua(s) e atitudes em relação a ela(s), e em alguns países multilíngues, pode-se assumir que algumas dessas crenças referem-se à propriedade do uso de determinadas línguas para propósitos diferentes, bem como aos valores estéticos e morais inerentes a uma língua e seus usos em comparação com outra. Trata-se de aspectos, portanto, passíveis de estudo.

O interesse nas crenças e atitudes linguísticas em contextos multilíngues se dá em razão das constantes e dinâmicas trocas linguísticas e culturais que se estabelecem entre os diferentes grupos étnicos nesses contextos, as quais fazem com que o português, em contato com as línguas de herança desses grupos étnicos, vá se transformando nos diferentes níveis – morfossintático, léxico e fonético. Tais mudanças, conforme diversos autores (LÓPEZ MORALES, 1993; GÓMEZ MOLINA, 1996; MORENO FERNÁNDEZ, 1998), não são influenciadas apenas pelo contato em si, mas também, em grande parte, pela postura tomada pelos falantes diante dessas línguas. Mesmo que as atitudes linguísticas não constituam fatores causais, elas podem atuar como mediadoras dos comportamentos linguísticos, constituindo indicadores sensíveis do processo sociolinguístico que atua sobre a sociedade.

O estudo das crenças e atitudes linguísticas pode se beneficiar, conforme sinalizado anteriormente, das contribuições de três grandes áreas: a Psicologia Social, a Sociolinguística e a Sociologia da Linguagem. A contribuição da Psicologia Social reside em fornecer subsídios para o estudo dos papéis que os motivos, as crenças e a identidade exercem no comportamento linguístico do indivíduo. Para essa disciplina, as atitudes constituem um complexo fenômeno psicológico que se reveste de grande significado social (LAMBERT; LAMBERT, 1966). Já a Sociolinguística tem entre suas funções a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso da(s) língua(s), bem como suas crenças a respeito de seu próprio comportamento linguístico e o dos demais falantes. Para essa disciplina, a importância do estudo das atitudes linguísticas reside no fato de que elas, além de revelarem múltiplos aspectos para melhor entendimento de uma comunidade,

influem decisivamente nos processos de variação e mudança linguística, bem como afetam a eleição de uma língua em detrimento de outra e o ensino-aprendizagem de línguas nessa comunidade (LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004). Por sua vez, a Sociologia da Linguagem focaliza toda a gama de tópicos relacionados à organização social do comportamento linguístico, incluindo não apenas o uso da língua em si, mas também as atitudes explícitas em relação à língua e aos seus usuários (FISHMAN, 1972).

Os psicólogos Lambert e Lambert nos ajudam a entender o conceito de atitude, que também pode ser aplicado às atitudes linguísticas, e seus componentes essenciais:

Uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos e as crenças, os sentimentos (ou emoções) e as tendências para reagir. Dizemos que uma atitude está formada quando esses componentes se encontram de tal modo interrelacionados que os sentimentos e tendências reativas específicas ficam coerentemente associadas com uma maneira particular de pensar em certas pessoas ou acontecimentos. (LAMBERT; LAMBERT, 1966, p. 77-78)

Costuma-se dividir em duas as abordagens das atitudes, conforme o conceito que se tem de atitude: a mentalista e a behaviorista ou condutista. Segundo a perspectiva mentalista, de natureza psicológica, a atitude é um estado mental, interno do indivíduo, uma disposição mental em relação a condições ou fatos sociolinguísticos concretos. Por ser uma disposição de ordem mental, não é possível medi-la ou observá-la diretamente, mas apenas deduzi-la a partir de certa informação psicossociológica, de modo que é necessário recorrer a técnicas indiretas, mais complexas, que permitam desvelar algo tão intangível como um estado mental. Muitos trabalhos sobre atitudes linguísticas – inclusive este – baseiam-se em uma perspectiva mentalista e medem essa variável como a relação entre um estímulo que afeta a um sujeito e a resposta valorativa desse sujeito (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004).

A concepção condutista ou behaviorista, por sua vez, interpreta a atitude como uma conduta, uma reação ou resposta a um estímulo – neste caso, a uma língua, a uma situação de interação ou a características sociolinguísticas determinadas. As atitudes, portanto, podem ser observadas diretamente a partir do comportamento do indivíduo dentro de certas situações sociais. Como as atitudes podem ser medidas em termos de dados observáveis, são variáveis dependentes das situações estímulo em que se observam. Os condutistas utilizam como procedimento de estudo a observação direta das condutas objetivas (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GÓMEZ MOLINA, 1996; BLANCO CANALES, 2004).

Segundo Moreno Fernández (1998), em termos gerais, aceita-se que as atitudes implicam diretamente a presença de vários elementos ou componentes que não convém confundir: uma valoração (componente afetivo), um saber ou crença (componente cognoscitivo) e uma conduta (componente conativo), conforme sugerido acima por Lambert e Lambert (1966). Esse é o critério dos defensores de uma interpretação mentalista da atitude, que representam a maioria dos estudiosos desse tema.

Para Moreno Fernandez (1998), as atitudes linguísticas têm a ver com as línguas mesmas e com a identidade dos grupos que as manejam. Existe, portanto, uma estreita relação entre língua e identidade, que, não raro, manifesta-se nas atitudes dos indivíduos em relação a essas línguas e a seus usuários. Uma variedade linguística pode ser interpretada como um traço definidor da identidade, daí que as atitudes em relação aos grupos com uma identidade determinada sejam em parte atitudes em relação às variedades linguísticas usadas nesses grupos e em relação aos usuários de tais variedades (MORENO FERNÁNDEZ, 1998; GROSJEAN, 1982). Nesse sentido, as “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado” (TARALLO, 1985, p. 14). Aguilera (2008) se alinha a esse pensamento ao afirmar que a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente na sua condição de aspecto constituidor da identidade de um determinado grupo étnico. Decorre daí que, “na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente” (AGUILERA, 2008, p. 106). É a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, uma vez que a língua que falamos identifica a nossa origem, nossa história, nossa cultura, o grupo a que pertencemos.

Todos nós, em nossos contatos sociais, formamos constantemente impressões a partir daquilo que observamos nos outros, ou seja, do seu comportamento social, cultural ou linguístico. Segundo Padilla (1999, p. 112), é sobre essas observações – e interpretações que delas tecemos – que fazemos atribuições que formam a base de nossas atitudes, as quais, por sua vez, influenciam nosso comportamento em relação aos membros de nosso ou de outro grupo social. No que tange ao campo do comportamento linguístico, Calvet (2002, p. 72) observa que “existe na sociedade o que poderíamos chamar de olhares sobre a língua, de imagens da língua, em uma palavra, *normas* que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais [...] e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados”.

As pessoas geralmente fazem atribuições positivas ou negativas com relação a falantes que têm sotaque diferente ou que falam uma variedade diferente. Tais atribuições, no entanto, não dizem respeito a características inerentes do sotaque do falante ou da variedade que utiliza, mas estão estreitamente ligadas às atitudes das pessoas em relação à região, ao país ou ao grupo linguístico ao qual o falante pertence. As atitudes linguísticas consistem, assim, em avaliações subjetivas sobre o valor das variedades em si e sobre seus falantes, tomando, muitas vezes, a forma de atributos. Em contextos em que várias línguas ou variedades estão em contato, elas tendem a ser tachadas de bonitas ou feias, ricas ou pobres, mais gramaticais ou menos gramaticais, dentre outros atributos. Segundo Grosjean (1982, p. 121), a variedade de prestígio é frequentemente considerada mais bonita, mais expressiva, mais lógica, mais capaz de expressar pensamentos abstratos, enquanto outras variedades são vistas como agramaticais e grosseiras ou vulgares.

A formação de conclusões – e conseqüentemente, de atributos – implica a elaboração de generalizações, que se formam a partir da observação e da vivência de uma série de experiências. As generalizações constituem um processo mental comum do ser humano, conforme explica Bem:

Generalizar de um conjunto limitado de experiências e tratar indivíduos como membros de um grupo, além de atos cognitivos comuns, são atos necessários. São ‘recursos do pensamento’ que possibilitam evitar o caos conceptual, ‘empacotando’ nosso mundo em um número razoável de categorias. A formação de ‘estereótipos de trabalho’ é inevitável até que a experiência ulterior os refine ou os desacredite, visto que é simplesmente impossível lidar com cada situação ou pessoa como se fossem únicas. (BEM, 1973, p. 18)

As generalizações são, assim, extremamente úteis para a organização de nosso mundo conceptual. Porém, nem sempre elas são confiáveis – no sentido de serem aplicáveis se aplicar a todas as situações –, ou seja:

[...] as generalizações nem sempre são verdadeiras em todos os casos além daquele conjunto de experiências nas quais se baseiam. Quando um indivíduo considera tais generalizações como se fossem verdades universais, geralmente as denominamos de estereótipos. (BEM, 1973, p. 17-18)

Sobre os estereótipos que se referem ao ‘bem falar’, Calvet informa que é frequente se ouvir que há um lugar onde a língua é pura, que existem sotaques desagradáveis e outros harmoniosos, e outras atribuições do gênero. Segundo o autor,

Por trás desses estereótipos se perfila a noção de *bon usage* (‘uso certo’), a ideia segundo a qual há modos de bem falar a língua e outros que, em comparação, são condenáveis. Encontramos assim em todos os falantes uma espécie de norma espontânea que os leva a decidir que forma deve ser proscrita, que outra deve ser admirada: *não se fala assim, se fala assado*. [...] O que interessa à sociolinguística é o comportamento social que essa norma pode provocar. De fato, ela pode desenvolver dois tipos de consequência sobre os comportamentos linguísticos: uns se referem ao modo como os falantes encaram sua própria, outros se referem às reações dos falantes ao falar dos outros. Em um caso, se valorizará sua prática linguística ou se tentará, ao invés, modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso; no outro, as pessoas serão julgadas segundo seu modo de falar. (CALVET, 2002, p. 68-69, grifos do autor)

Para Giles e Niedzielski (1998), as conotações sociais dos falantes de uma variedade linguística – sejam conotações associadas a aspectos como pobreza, crime e pouca instrução, sejam conotações associadas à instrução/cultura, riqueza e força política – ditam nossos julgamentos estéticos (e outros) sobre tal variedade linguística. Ou seja: “os sons estão no ouvido de quem ouve, a serem interpretados variavelmente e construídos socialmente, ao invés de ‘lá fora’ como algum fato a ser medido objetivamente” (GILES; NIEDZIELSKI, 1998, p. 91). Nesse sentido, os julgamentos sobre as variedades linguísticas são “o resultado de um complexo de associações e preconceitos sociais, culturais, regionais, políticos e pessoais” (GILES; NIEDZIELSKI, 1998, p. 92).

Descrição e análise dos dados

Algumas considerações se fazem importantes para o correto entendimento de alguns termos usados na análise, referentes às línguas e aos seus falantes. No que concerne à denominação dos falantes, o uso de designações como “alemão”, “ucraniano”, etc. não se refere propriamente à nacionalidade desses falantes, mas à sua origem étnica, ou seja, são filhos ou netos de alemães, ucranianos, etc. A opção por essas designações se justifica

pelo fato de que os próprios descendentes – e isso não só nas comunidades pesquisadas – autodenominarem-se dessa forma, para se distinguirem dos “brasileiros”, isto é, daqueles nascidos no Brasil e sem descendência europeia. As designações “ucraíno” e “polaco” são muitas vezes usadas como sinônimas de “ucraniano” e “polonês”. Quanto à denominação da língua, são também sinônimos: “ucraíno” e “ucraniano”, “polaco” e “polonês”, “brasileiro” e “português” (neste caso, a variedade falada no Brasil). Quanto aos termos “italiano” e “alemão”, seu uso não necessariamente fará referência à língua padrão, mas aos respectivos dialetos falados em cada localidade.

Com relação à pergunta 11 do questionário, “Comparando essas línguas: polonês, ucraniano, italiano e alemão, quem fala melhor? Por quê?”, do universo de dezoito informantes, um terço (33,33%) acha que fala melhor quem fala o italiano. No entanto, apenas dois informantes justificaram suas respostas: porque “é mais bonito” (Inf. 2), e “porque é mais fácil, porque é mais parecido com o português” (Inf. 4). Observe-se que as justificativas estão baseadas em atributos da língua, e não em atributos dos falantes.

Ainda com relação à pergunta acima, dois informantes (11,11%) citaram o ucraniano, um (5,55%) citou o polonês, e dois (11,11%) citaram ambas as línguas, que são as línguas de herança da maioria dos colonizadores da localidade. Apenas dois desses informantes justificaram suas respostas: “o polonês, porque ele é... ele cultivava muito a tradição” (Inf. 3), e “o ucraniano, pela... a colonização, que é mais forte” (Inf. 8). Somando os resultados das menções às línguas eslavas, temos o percentual de 27,77%, menor ainda que os resultados para o italiano, o que mostra que esse idioma, que nem é representativo nessa localidade, é mais prestigiado que a língua falada por alguns dos descendentes de imigrantes eslavos, maioria étnica no município.

Finalmente, como resposta à pergunta acima, dois informantes (11,11%) citaram o português (ou “brasileiro”), embora um deles, solicitado a excluir o brasileiro, citasse o alemão, e um informante (5,55%) citou o alemão. Alguns informantes (22,22%) não souberam dizer ou se posicionaram de uma forma mais “neutra” na avaliação, como se vê pelo exemplo abaixo:

- (01) É difícil você diferenciar isso, porque você não conhece a língua deles. De repente, você acha que tão falando certo, errado, é bonito, é feio, mas você não sabe definir, é difícil dizer o que é mais bonito ou mais feio, né. (Inf. 18)

É interessante notar, no excerto acima, que, mesmo na tentativa de ser neutro, o informante acaba mencionando atributos que, conforme se depreende da resposta, ele poderia dar às línguas caso as conhecesse: certo/errado, bonito/feio.

O gráfico a seguir mostra os resultados, com porcentagem arredondada, da primeira pergunta.



Figura 1. Avaliação de quem fala melhor

Com relação à questão 12, “E quem fala pior? Por quê?”, quatro informantes (22,22%) citaram o alemão, mas apenas dois justificaram: “porque ele fala muito enrolado, muito ligeiro, não dá pra entender nada” (Inf. 4), e “pela colonização que foi mais fraca também” (Inf. 8). Empatado com o alemão está o ucraniano, citado também por quatro informantes (22,22%), mas apenas um informou a razão: “não dá pra entender nada” (Inf. 2). Três informantes (16,66%) citaram o português, e um deles dá uma segunda resposta, acrescentando o inglês. Um informante (5,55%) ainda avalia negativamente os falantes das línguas eslavas já alteradas pelo contato com o português:

- (02) Pior... ah, descendentes que vão pegando muita... [...] vai pondo português um pouco com polonês, o ucraniano com português, emendando. (Inf. 12)

Outro informante (5,55%) dá a entender que, quando não há essa “mistura” referida acima, a língua de herança é bem falada:

- (03) [...] acho que quando eles falam na língua materna mesmo, que é a polonesa e assim do italiano, alemão, ucraniana, né, eles falam bem a língua deles, né. (Inf. 17)

Juntando os dois últimos resultados, temos o percentual de 11,11% de caracterização das línguas que apresentem interferência do português como línguas mal faladas. Finalmente, dois informantes (11,11%) não souberam dizer, e três (16,66%) revelaram uma posição mais “neutra”, dizendo não haver língua melhor ou pior.



Figura 2. Avaliação de quem fala pior

É importante ressaltar que, de fato, inexistente a posição “neutra” sinalizada nos resultados acima, já que, segundo Moreno Fernández (1998) e López Morales (1993), as condutas são ou positivas, de aceitação, ou negativas, de rechaço, caracterizando-se a chamada atitude neutra como ausência de atitude e não como uma classe dela.

Com relação à questão 18, “Falam melhor os que falam o português ou os que falam essas línguas estrangeiras de que falamos?”, dez informantes (55,55%) disseram que falam melhor os que falam português, e os que comentaram ou justificaram a resposta apresentaram razões ligadas à compreensibilidade ou “facilidade” da língua:

- (04) [...] acho que é o português mesmo, né, que a gente entende, né. Agora, o resto, a gente não tem como dizer, né, o que tá errado, né. (Inf. 1)
- (05) Ah, português, né, mais fácil. (Inf. 4)
- (06) [...] quem fala em português, porque aí eu tô entendendo o que eles tão falando, né. (Inf. 16)
- (07) A minha... eu, na minha posição, eu avalio o português, né, porque eu entendo a comunicação deles. (Inf. 18)

Um informante (5,55%) ficou dividido entre o falante de português e o de uma das línguas estrangeiras:

- (08) Ah, depende... porque depende como que a pessoa fala. Não sei, eu acho que assim, entre português e italiano... (Inf. 2)

Um informante (5,55%) disse que os italianos falam melhor.

Quatro informantes (22,22%) disseram que falam melhor quem fala as línguas estrangeiras mencionadas, e dois deles comentou/justificou:

- (09) Não, que fala estrangeiro na língua deles, é claro que eles falam melhor, né, e o português, eles... se atrapalham um pouco, né. (Inf. 17)

- (10) Eu vou te dar uma exemplo assim, tipo, que nem a minha mãe. A minha mãe, o português, ela tem muito erro de português, tanto que às vezes a gente corrige ela, tipo, ela: 'ai, Ana, você entendeu o que eu falei!'. Entende? Só que eu acho, na língua deles, eles se conversam mais fácil, né, com mais facilidade. (Inf. 10)

Finalmente, dois informantes (11,11%) não se posicionaram em favor de nenhuma língua, mas avaliaram negativamente os que falam o português:

- (11) Bom, nas línguas... que mais... eu acho que o português ainda deixa a desejar. (Inf. 3)
- (12) Não sei, porque aí eu não conheço outras línguas, aí eu não sei se eles falam bem ou falam pior. O que eu posso dizer é que as pessoas não falam bem português, às vezes a gente... a gente vê a língua sendo maltratada pelas pessoas, a gente não pode fazer muito. (Inf. 15)

O gráfico a seguir ilustra os resultados dessa questão.



Figura 3. Avaliação de quem fala melhor na comparação do português com as línguas de contato

Com relação à questão 19, “Essas línguas são feias ou bonitas?”, a maioria dos informantes (83,33%) acha que as línguas faladas na localidade são bonitas. Há desde manifestações mais discretas (acrescidas de ressalvas) até as mais calorosas, como se pode observar por algumas das respostas:

- (13) Ah, são línguas bonitas, né. (Inf. 3)
- (14) São bonitas, eu queria saber falar. (Inf. 4)
- (15) Não, são bonitas. Só que a gente não entende nada, né (risos). (Inf. 6)
- (16) Não são feias, né, pra quem pratica acho que é legal, né? (Inf. 9)
- (17) Ah, eu acho bonita. Interessante. (Inf. 10)
- (18) São muito bonitas. (Inf. 11)
- (20) Elas são bonitas. Dentro do dialeto delas, elas são compatíveis e são bonitas de ouvir. (Inf. 16)

- (21) São bonitas, porque você pensa que eles estão cantando ou rezando, você não define o que eles falam, você até acha bonito o jeito deles falar por não entender nada. (Inf. 18)

Um informante (5,55%) diz que são “mais ou menos”, mas não apresenta nenhuma razão para tal julgamento. Dois informantes (11,11%) fazem as seguintes avaliações:

- (22) Eu acho que é... mais assim... é normal, né. O ruim é você ler, né. [...] Que nem ucraino... é difícil, né. Muçulmano é pior ainda, né. Então... (Inf. 1)
- (23) Eu gosto muito das línguas latinas, o italiano, o espanhol, o francês e o português, eu gosto mais das línguas latinas. (Inf. 15)



Figura 4. Avaliação estética das línguas

Em resposta à questão 20, “Qual [língua] é a mais bonita?”, mais da metade dos informantes (61,11%) avalia o italiano como a língua mais bonita, mas apenas um justifica: “a italiana é mais sonora” (Inf. 15).

Quatro informantes (22,22%) acham o polonês (ou “polaco”) mais bonito, mas apenas um informante ensaia uma justificativa:

- (24) Eu vou puxar pro meu lado [rindo]. Eu acho muito bonito, apesar de difícil, o polonês. [...] A língua polonesa é bonita, os cantos são lindos! É muito bonito! (Inf. 12)

Um informante (5,55%) cita o português (ou “brasileiro”), e um informante (5,55%) cita o alemão, mas faz uma ressalva: “mas... geralmente não entende bem...” (Inf. 1). Um informante (5,55%) não se posiciona, dizendo simplesmente: “a gente não entende” (Inf. 5).



Figura 5. Avaliação de qual língua é mais bonita

Finalmente, com relação à pergunta 21 do questionário, “Qual [língua] é a mais feia?”, um terço dos informantes (33,33%) se referiram ao alemão como a língua mais feia, mas apenas três justificaram ou explicaram as suas respostas:

- (25) A mais feia? O alemão, é cheio de... ai, todos os outros, todas essas três são feias. [...] Não é que é feia, é que é estranha... é diferente. (Inf. 4)
- (26) Mais feia? Não... não por mais feia, mas, mais difícil acho que de falar, acho que deve ser a alemã. (Inf. 7)
- (27) É, acho que pela... o alemão... não, não conheço as origem, mas me parece que o italiano... ah, o alemão e o inglês têm a mesma sonoridade, uma língua assim que não é... é pouco sonora, né, é feita assim de intervalos, né, e eu acho que fica feia a linguagem, por isso que eu acho as... a língua latina mais bonita, porque ela é suave, né. (Inf. 15)

Note-se que os informantes 4 e 7 reelaboraram suas respostas, ressignificando o atributo dado ao alemão. Porém, para fins de contabilização das respostas, foram consideradas as primeiras reações dos informantes à pergunta, que arguia explicitamente qual era a língua mais feia. Ou seja: entende-se que, ao ouvir, na pergunta, o atributo “mais feia”, o informante desavisado tenha citado a primeira língua que lhe veio à mente, associando-a ao atributo mencionado, e só depois, mais consciente, talvez, da extensão de sua avaliação, tenha refletido e reelaborado sua resposta.

Note-se, ainda, que o informante 4 incluiu, após sua primeira resposta, outras duas línguas, ao dizer “todas essas três são feias”, referindo-se ao polonês e ao ucraniano, citadas anteriormente pelo informante; porém, para fins de elaboração do gráfico, somente a primeira resposta foi considerada. O informante 15, por sua vez, incluiu o inglês, sugerindo que as línguas do grupo germânico (que têm “a mesma sonoridade”) são feias em relação às do grupo latino

Em segundo lugar, após o alemão, vem o ucraniano, citado por cinco informantes (27,77%), sem justificativa para a resposta. Dois informantes (11,11%) citaram o polonês, mas apenas um justifica:

- (28) Eu acredito que dependendo de quando você ouve, o polonês... a língua polonesa, ela é complicada, dá essa impressão que o som das palavras sempre são iguais, né. (Inf. 18)

Dois informantes (11,11%) disseram que nenhuma é a mais feia. Finalmente, um informante (5,55%) cita o japonês, não referido em nenhum momento da entrevista, um informante (5,55%) não soube dizer, e um informante (5,55%) não respondeu.

O gráfico a seguir mostra os resultados dessa questão.



Figura 6. Avaliação de qual língua é mais feia

Os resultados das últimas questões apontam para o prestígio do italiano (Figura 5) e o desprestígio do alemão e do ucraniano (Figura 6) na comunidade. Interessante notar que nem o português, nem o italiano tiveram rejeição, na última pergunta do questionário.

Considerações finais

Os resultados desta pesquisa mostraram uma tendência de se avaliar como bonitas e bem faladas as línguas que os informantes entendem, ou seja, o fator “compreensibilidade” parece ser determinante para julgar uma língua como bonita ou bem falada. Nesse sentido, as reações quanto à língua considerada mais bonita ou bem falada podem ser traduzidas por atributos tais como: língua “mais bonita”, “suave”, “mais fácil”, “interessante”, “mais parecido com o português”, uma língua que se “entende mais”. Da mesma forma, seus usuários são julgados positivamente pelo seu falar “certo”. Por outro lado, as reações quanto à língua considerada mais feia ou mal falada se traduzem por atributos como: língua “difícil”, “maltratada”, “estranha”, “pouco sonora”, “feia”, “complicada”, uma língua que o ouvinte “não entende nada”. Seus falantes, da mesma forma, são julgados negativamente pelo seu falar “enrolado”, “muito ligeiro” (= rápido).

As análises apontam para questões bastante pertinentes e que podem levar a reflexões sobre a forma de conceber a fala do outro. Vejamos, por exemplo, as questões sobre quem fala melhor ou pior, em que, muitas vezes, o atributo não se refere ao falante, mas à língua. Como essas perguntas não davam indícios de que critérios o informante deveria levar em conta para classificar quem fala melhor ou pior – e talvez resida aí um problema

no próprio planejamento das questões, cuja discussão pode ser feita em trabalhos futuros –, os informantes acabaram, muitas vezes, baseando-se em critérios subjetivos, tais como sonoridade da língua (ou seja, a língua que mais lhe agrada ouvir), ou a beleza da língua. Em outros casos, o critério foi o nível de compreensibilidade da língua (ou seja, fala melhor quem fala uma língua mais parecida com o português). Outras vezes, ainda, o critério foi a ligação com uma cultura que cultivava mais a língua, a tradição. Outros informantes, por fim, parecem terem compreendido a pergunta sobre quem fala melhor como se referindo a quem fala mais, em termos de frequência, na língua de herança, como mostram os exemplos a seguir, que não foram apresentados na análise: “aqui, o que mais fala é os ucranio” (Inf. 5) e “na nossa região é o polonês e o ucraniano, que mais a gente ouve” (Inf. 12).

Vejam também os atributos citados nas respostas à questão 21, “Qual [língua] é a mais feia?”: os termos ‘estranha’ e ‘diferente’ foram usados em referência ao alemão, ao ucraniano e ao polonês, e o termo ‘difícil’ foi usado para caracterizar o alemão. Houve reconhecimento de que o alemão e o inglês têm a ‘mesma sonoridade’. Ainda há a comparação: “uma língua assim que não é... é pouco sonora, né, é feita assim de intervalos, né, e eu acho que fica feia a linguagem, por isso que eu acho as... a língua latina mais bonita, porque ela é suave, né (Inf. 15). Essas avaliações parecem ser pautadas na pronúncia que se distancia daquela dominada pelo informante.

Dessa forma, tem-se uma avaliação pautada não somente no fato de que não se domina a língua, mas também na diferença de realização sonora dessa língua. Uma avaliação a partir do termo ‘difícil’ pode indicar que decorre do exercício de tentar entender a língua propriamente dita e, então, a qualificação de ‘feia’ ou ‘bonita’ se rende a um distanciamento ditado por questões de estrutura.

Observa-se, de modo geral, que a língua de herança do colonizador majoritário não é prestigiada em Irati, pois se avaliam negativamente as línguas polonesa e ucraniana faladas pelos colonizadores de origem eslava. Por outro lado, nota-se o prestígio do italiano. Como o italiano, em termos de língua falada na localidade, é pouco representativo em Irati, pode-se atribuir, hipoteticamente, a reação positiva a essa língua a pelo menos dois fatores: (a) à origem étnica da maioria dos entrevistados, já que metade dos informantes são descendentes de italiano (se não mais, já que a ascendência de alguns não foi identificada); e (b) ao efeito da mídia, que promove a língua e a cultura italiana, principalmente nas novelas televisivas e nas apresentações musicais de artistas italianos.

Com esta pesquisa, espera-se contribuir para a abordagem de um campo ainda pouco explorado no que tange às crenças e atitudes linguísticas em contextos multilíngues, especialmente no Estado do Paraná. Reconhecer as verdadeiras causas e as condições em que esses fenômenos aqui descritos se concretizam seria, assim, uma contribuição para o objetivo de fortalecer a identidade linguística dessas comunidades, desmistificando-as de crenças que podem estar presentes há várias gerações.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. A. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. 2009. [Projeto desenvolvido pela autora].

_____. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, n. 37, v. 2, p. 105-112, maio/ago. 2008.

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana II*, n. 1, v. 3, p. 83-93, maio 2004.

BEM, D. J. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. Tradução de Carolina Martuscelli Bori. São Paulo: EPU, 1973. [Coleção Ciências do Comportamento]

BLANCO CANALES, A. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 2004.

CALVET, L.-J. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

FERGUSON, C. A. The role of Arabic in Ethiopia: a sociolinguistic perspective. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 112-124.

FISHMAN, J. A. *The sociology of language: an interdisciplinary social science approach to language in society*. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

GILES, H.; NIEDZIELSKI, N. Italian is beautiful, German is ugly. In: BAUER, L.; TRUDGILL, P. (Eds.). *Language myths*. London: Penguin Books, 1998. p. 85-93.

GÓMEZ MOLINA, J. R. Actitudes lingüísticas en Valencia y su área metropolitana: evaluación de cuatro variedades dialectales. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMÉRICA LATINA – ALFAL, XI, Las Palmas de Gran Canaria, 22-27 julio 1996. *Actas...* Las Palmas de Gran Canaria: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 1996, v. 2, p. 1027-1042.

GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard: Harvard University Press, 1982.

LABOV, W. The study of language in its social context. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1972. p. 180-202.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. 2. ed. Madrid: Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

OLIVEIRA, G. M. Línguas como patrimônio imaterial. *IPOl*: Instituto de investigação e desenvolvimento em política linguística. 2009. Disponível em: <<http://www.ipol.org.br/ler.php?cod=281>>. Acesso em: 15 ago. 2011.

PADILLA, A. M. Psychology. In: FISHMAN, J. A. (Ed.). *Handbook of language and ethnic identity*. New York: Oxford University Press, 1999. p. 109-121.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.